



Palavras ao poeta

1.



«Para o Zé Craveirinha, hoje um pilar das memórias das nossas vivências, a minha lembrança feita de amizade e saudade!»

Chichorro, 2009

2.

Craveirinha viveu à frente do seu tempo. Tendo convocado o passado coletivo e o seu passado de filho mulato de emigrante português, ele antecipou o futuro. Um futuro mestiço de promessas e frustrações. O seu processo de criação poética assentava na subversão do pensamento. Quando Nelson Mandela foi enviado para a prisão, Craveirinha fez um poema em que referia o dia em que «Mandela deu voz de prisão aos seus carcereiros». Esta inversão da lógica era permanente na sua escrita e encorajava-nos a pensar num mundo radicalmente diferente. Não eram as palavras, mas o pensamento que era necessário reconverter. A poesia não era apenas um género literário, mas um modo de escrever nas costas deste mundo a emergência de um outro mundo. Por isso, os poemas dele, sem nunca serem panfletários, nos ensinaram um Moçambique livre da opressão colonial. Muitos dos dirigentes nacionalistas aprenderam Moçambique por via dos versos do poeta da Mafalala.

Jamais aceitou mudar do seu bairro periférico. E tinha razão. Afinal, a sua casa era a nação e o mundo.

Mia Couto

3.

José Craveirinha, poeta-em-chefe

Penso, por vezes, que poucos se poderão gabar de ter visto o Zé Craveirinha a rir. Com aquele seu sorriso matreiro – quase todos nós. Em seu permanente humor (corrosivo, sem ofender; malicioso, sem maldade; compassivo de fraterno) os eleitos de sua convivência. Mas vi o Zé a rir, de riso aberto, num relâmpago que brilhou e logo se apagou na resposta ao atrevido angolano que o interpelava face à derrota, no estádio, da equipa de futebol de Moçambique: «Moçambique ganha sempre! Desta vez ganhámos uma excelente derrota!»

Era assim, seu humor.

Ou poderia recordar a finesse, a elegância de *gentleman* da palavra, ao emendar a mão num *coffee-break* (ele me sorri, agora: «Podes dizer em inglês, já pertencemos à Commonwealth...») de congresso de escritores quando, gôche e irónico, gozão, declarou face a Jorge Amado e na presença de José Saramago: «Ó Luandino, já viste que os grandes escritores da língua portuguesa são todos Josés?!...», para acrescentar ao sorriso irónico a inteligência contra a gafe, em seu jeito tranquilo, os maliciosos olhos já sorridos pelas palavras que diria a seguir: «Camões? José Luís de Camões!... Pessoa? José Fernando Pessoa!... Amado? José Jorge Amado!...»

Nós, gargalhámos e ele sério, espantado.

Mas o que enquanto viver não quero esquecer é aquela tarde, já antiga, na Universidade Católica do Porto, quando uma jornalista, perdida no inferno do anonimato da sala e logo bem intencionada, querendo sacar a já consabida resposta para título de notícia (o blá, blá da «língua portuguesa é a nossa pátria»...) perguntou aos quatro da mesa: o que é que nos unia, assim, ali, naquele modo de estar e de pensar e falar, diferentes mas unânimes?

E antes que qualquer dos menores se atrevesse a responder (e menores éramos nós, e somos, o Manuel Rui, o Mia Couto e eu), o Zé estendeu o braço por diante de nossos peitos alinhados e cheios de ar de tolerância para, em seu enigmático sorriso por baixo daqueles doloridos olhos de poeta, responder: «Porque somos uma quadrilha, minha senhora!»

Assim o guardo, para sempre – poeta-em-chefe de nossa quadrilha.

José Luandino Vieira

4.

O meu Kamba Craveirinha

Havia tanta coisa a dizer sobre o José Craveirinha, ou sobre a nossa amizade. Data da altura da independência dos nossos dois países e ligada, obviamente, à literatura. Mas ele era um grande nome, que eu, quando tinha menos de vinte anos, já aprendera a respeitar. Sempre foi um meu mais-velho. Assumi e ele também assumiu isso. Encontrámo-nos muitas vezes e em vários pontos do mundo. Claro, não nos largávamos mais. Mas certamente foi na sua casa de Mafalala que melhor o conheci. A casa falava sobre ele, ele que pouco falava de si. Mas tinha os poemas. À Maria. E à casa da Mafalala.

Poeta e homem como poucos, cidadão exemplar e exemplo de um Moçambique libertado, Craveirinha será sempre um marco na literatura e na História do seu país. E na de África, quando este continente começar a conhecer a sério os seus verdadeiros filhos.

Pepetela

5.

Naquele casebre de madeira e zinco da suburbanidade «M'falala», herança de um pai algarvio e de mãe ronga, viveu José Craveirinha com Maria, sua mulher; Belinha, sua cunhada; João e José, seus filhos. Casebre, onde várias gerações vieram quantificar a grande malícia inventiva do cidadão José Craveirinha, lúcido e metaforicamente cada vez mais rico, mais civicamente rico das coisas, e à margem da elite colada ao poder.

Seguro de que a poesia não é necessariamente uma cópia fiel de real algum, neste seu caso atípico, ela foi o espaço que JC teceu para o seu próprio real, intimista ou não. Habitaram-no poetas como Maiakowski ou Mandelstam, romancistas como Anton Tchekov, Tolstoi, Dostoiévski, Caldwell, músicos de *jazz* como Charlie Parker, Gillespie, magos em sua sede de uma antropofagia barroco-estética, que não excluiu concretistas brasileiros como Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari.

Não descurou certas formas da poesia lírica de um José Régio, nem sua avidez subversiva de liberdade o afastou de acentos de loucura e delírio de um Tchekov ou contradições agrestes e absurdas de um *Valente Soldado Cheveik*, de Jaroslav Hasek.

Desencanto e crítica social surgem, por vezes, depois da Independência, em poemas como «As saborosas tangerinas de Inhambane», subtilmente desafiando a censura literária do Partido Único, como nos lembra Luís Carlos Patraquim, poeta da diáspora entre os mais reconhecidos internacionalmente. [Ler sua entrevista a Michel Laban (Univ.Sorbonne): *Moçambique – Encontros com Escritores*, v. III, p. 942-43]

Pouco tem sido sublinhada sua sedução pela poesia irreverente e subversiva do autor de *40 e Tal Sonetos de Amor e Circunstância*, Grabato Dias, de quem se aproximou tanto na antiga Lourenço Marques (atual Maputo), quanto em Lisboa. Sua consciência da africanidade nasceu de um Aimé Césaire e fundiu, em sinais e pulsões, um «barroco paulista» que se concretizou em dois sentidos: o do dadaísmo e o do surrealismo alemão, francês, com vibrações de um Villa-Lobos e um Bach, motivando Paris e Berlim da música clássica.

José Craveirinha, saído da prisão da PIDE, na Machava, em 1969, com alguns companheiros de todas origens étnicas, como Luís Bernardo Honwana, de *Nó Matamos o Cão Tinhoso*, subverteu o poder de comunicação e a filosofia da própria linguagem e da vida, num movimento «barroco-estético» que se propagou pela África de língua e expressão portuguesa. Africanidade – nos repetia Aimé Césaire – é também o universalismo, aberto a literaturas eslavas, ao Oriente e à América Latina.

Familiarizado com a tragédia e a morte partilhadas com seu povo, ele foi o poeta do Amor à Mulher, revelado em *Maria I* e *Maria II*, em cujos poemas soube transformar a Ausência em Presença quase sensual e erótica, naquela solidão que a poesia e a ficção exacerbam. O poeta nos oferece e sublima a dor que teima em querer sentir e nela mergulhar.

E, assim, a pedra talhada da memória e das sensações servem-nos, no mais profundo silêncio, a sua viagem ao fundo da noite, à maneira de um José Craveirinha.

6.

Não se deixou armadilhar por nenhum poder. José Craveirinha foi homem e poeta até ao fim. Ainda que o homenageiem – e isso seja paradoxalmente justo – com nomes de ruas e seus despojos repousem na cripta dos Heróis Nacionais, em Maputo, o género *Zé Craveirinha*, cidadão da Mafalala e do Mundo, foi o de um Ser inquieto, cantando os despojos de um sonho só parcialmente cumprido no país que ajudou a inventar. Se «Xigubo» ou «Karingana Ua Karingana» são a voz que inaugura, anuncia, celebra, nomeia, a nação plural e onde há sopro de épica, «Maria» é a sua «terra devastada», elegíaca. Em tudo, um grande arco sem antinomias onde Amor é a grande razão. A esse deus grego/bantu, erotizado numa língua lusa que recriou como poucos, José Craveirinha dedicou a sua vida e o seu corpo. Ele é inteiro porque, de alguma maneira, humano e divino, pagão crístico, omnívoro voraz, criança-grande chorando, indignando-se, dizendo-nos a todos.

Luís Carlos Patraquim

7.

Quando terminámos o documentário *José Craveirinha, Poeta de Moçambique*, tínhamos, Michel Laban e eu própria, a vaga consciência de que estaríamos a gravar para a História um percurso singular que se estava a extinguir. Já antes, ao acompanhar o poeta no seu deambular pela Mafalala com o operador de câmara Xico Carneiro, me assolara a sensação de testemunhar momentos definitivos e ir-repetíveis do final de uma vida. Só percebi que essa sensação me vinha da própria convicção de Craveirinha de que assim era quando, ao iniciar o exame do seu volumoso espólio, percebi que o poeta passara os últimos anos da sua vida a anteciper em versos a realidade da sua própria morte, confirmando aquilo que é a substância da sua obra: a capacidade de profetizar. Já entraram no nosso imaginário as grandes profecias poéticas de José Craveirinha, desde os tempos em que prometeu que seríamos «[...] viajantes por conta própria / jornalistas, operários com filhas dançarinas de ballet / arquitectos, poetas com poemas publicados / compositores e campeões olímpicos [...]», até à previsão do capitalismo selvagem e da sua consequente desordem ética que viriam a subverter a utopia contida nesses versos e noutros que se lhe seguiram. Não fugindo ao confronto de ideias e de opiniões, agreste e agressivo permaneceu, para além das seduções que uma atitude mais conforme a cada «*establishment*», poderia exercer, assumindo por completo o que poeticamente sentenciava: «traição é saber escrever e não escrever nada».

Sobre a participação de José Craveirinha na luta de libertação pairaram por vezes silêncios incómodos a que, com a força da sua rebeldia, reagiu como melhor sabia, isto é, com poesia. Foi Samora Machel quem, intuitivo e voluntarista

como Craveirinha, pôs termo a esse mal-estar, reconhecendo-lhe, de várias formas e reiteradamente, o estatuto que só a morte veio oficializar, com o repouso definitivo na cripta da Praça dos Heróis.

Fátima Mendonça

8.

Craveirinha, o Vaticinador

Pediram-me para depor sobre Craveirinha.

– Qual deles? – Interroguei-me cá comigo.

Pois conheço dois Craveirinhas:

– O vaticinador de *vaticínios infalíveis*,
aquele que um dia sonhou hasteando um sorriso
ao calor da pira olímpica;

– E o careca de cravos nas algibeiras, da Mafalala,
tipo mulato chato, como todo o negro vacinado
nos tempos do xibalo.

Então, entre os dois preferi o Vaticinador infalível,
aquele feiticeiro terrível, pior que uma *cachucha* russa.
Sim, é sobre ele que venho, mui respeitosamente, depor,
em reverência às suas falas infalíveis.

Deponho sobre esse proceloso e ubíquo
mensageiro, pré e pós-liberdade,
que ainda teima em *querer ser tambor*
para anabolizar as *mamanas* do tipo *Saquina*.

Aliás, com ele aprendi que, *querer ser
tambor*, é uma vocação ingrata e, mais do que isso,
difícilima e terrivelmente dolorosa.

(É só imaginar a argúcia dum alfinete em papel higiénico!)

Confesso já agora que, desde *putéfio*, a mania
de *ser e querer ser carvão* vem-me acoissando
como um cravo de Craveirinha.

(Mas como depor sobre um gajo assim que,
mesmo cidadão da Machava, consegue nacionalidade
num *país que ainda não existe*?)

Armando Artur

9.

O legado do Amanhã

«Nelson: Procura ser um fiel servo da Memória de todos os tempos para que a tua voz se faça ouvir no teu tempo. E escuta com atenção o que te dizem as vozes de outras bocas, doutros mensageiros e as melodias de outros xipendanas. Então sentirás sobre os ombros o peso – o verdadeiro peso – de um genuíno legado, o legado do teu Amanhã em que dirás com toda a humildade: “Sou um homem de ontem mas não me neguem um lugar de repouso nos céus do vosso Hoje.” Um maningue forte abraço do José Craveirinha, 3/7/1991, Lisboa (Boene)»

Muitas vezes me recordo das advertências, frequentemente reiteradas – ia escrever «sussurradas» e não estaria longe da verdade! –, do poeta José Craveirinha. A idade nunca inibiu a cumplicidade que cultivamos ao longo dos anos. Nem com ele, nem com tantos outros escritores da primeira geração da literatura moçambicana, da geração dos fundadores, quero dizer. Foi assim com quase todos. Com Noémia de Sousa, com Orlando Mendes, com Rui Nogar, com Rui Knopfli. Falovos destes nomes e faço recurso a esta memória fragmentária do tempo não por uma necessidade estéril de exibicionismo. Faço-o para dar razão a José Craveirinha pela advertência que me fazia há dezoito anos e ao longo do tempo instigante que com ele convivi. Hoje tenho dificuldades de não lembrar aquelas palavras e as muitas outras advertências que o Zé fazia, quando aqui o trago à lembrança, do tempo que vivíamos, do nosso destino colectivo, do país, do futuro e do infuturo. O José Craveirinha era um sábio e personificava a ideia do soba africano. Tinha vivido muito e sabia e queria transmitir muito do que experienciara. Tive esse privilégio de ouvi-lo no ombro fraterno da nossa amizade. Não só quando ia à Mafalala, mas em múltiplas viagens que empreendemos a Lisboa, Londres ou Sevilha. De José Craveirinha está tudo dito e, provavelmente, fica muita coisa para dizer. Eu devo-lhe, para além da Poesia, de que sou devoto e tributário, o companheirismo e a amizade. Devo-lhe também o facto de me ter confiado a Memória e ter feito de mim um fiel servo desse legado. Caso para lembrar, outra advertência, a de José Saramago, que, tendo se apercebido da minha relação privilegiada e entusiasmada com os mais velhos, disse-me fraternalmente há duas décadas: «Você está a conviver com os seus antepassados literários.» Hoje não poderia dar-lhe mais razão. Saravá, Zé Craveirinha.

Nelson Saúte

10.

José Craveirinha era um homem algo reservado e cauteloso. Media muito bem suas palvras e os passos a dar. Ao mesmo tempo que fazia denúncia, criticando, ele apelava para que se resgatassem os nossos valores culturais e nossas tradi-

ções. Esta preocupação com os valores da nossa identidade e, em particular, com o nosso universo cultural, é testemunhada por seus livros *Karingana ua karingana* e *Xigubo*.

Viveu na Mafalala, bairro populoso, entroncamento do bairro da lata e do cimento, a menos de cinquenta metros de um dos mercados da capital, onde tudo acontece, onde se negocia um pouco de tudo, desde uma agulha, um carro, um homem e até uma casa de habitação. Um bairro, onde o crime está sempre à espreita. Mas, apesar disso e da solicitação do governo, Craveirinha não quis mudar-se para um bairro luxuoso; quis, até os seus últimos dias, viver no seio do povo.

Pessoa introvertida, seus livros que não apareciam por vontade própria, ele escrevia e guardava, quase que foi forçado a tirar o seu trabalho para o público. Temos o exemplo do poema que escreveu quando foi condecorado com a medalha Nachingweia, no qual ele se indaga sobre as razões de ele merecer tamanha atenção e manifestação humana.

Nas obras deixadas por Craveirinha, encontramos uma postura de trazer a debate algumas questões sociais com as quais ele não concordava. Antes da Independência, na época do regime colonial português, ele criticava o sistema. Já após a Independência, encontramos-lo se manifestando contra algumas anomalias.

Fátima Langa

11.

siyavuma sempre te acompanha
menino Sontinho
calcorreando os passeios
de fiska na mão

cidadão
quase deus
da tua pátria amada

acompanha-te
sempre
siyavuma

Matteo Angius

12.

Zé Craveirinha: a Voz Encantada de Mangonha

Falar de José Craveirinha, mais que só falar de poesia, é falar de um país. E raramente o sonho de um Homem – de todos, o seu o mais belo e obsessivo dos sonhos, e seu poema maior – se confundiu tanto e tão fundo com o sonho de (e para) um país, como esse de José Craveirinha e Moçambique – de Maputo ao Rovuma, e vice-versa, com epicentro no bairro da Mafalala. E, depois ainda, com Lurdes Mutola, o poema meteórico, a correr para a Medalha de Ouro nos Jogos Olímpicos de Sidney, naquele ano em que Moçambique – não pelas tragédias dos dilúvios, nem das guerras que nenhum moçambicano quis, mas pela feiticeira teimosia do Soba Grande da Mafala –, ficou definitivamente na memória dos mapas do Mundo.

E, se trago aqui, e agora, o nome de Lurdes Mutola, é só porque Lurdes Mutola é o título do mais alto e perfeito poema, em atletismo – esse outro género literário, heterónimo José Craveirinha não compendiado, da epopeia e do lirismo –, que o senhor José João Craveirinha, mancomunado com José Cossa, seu primo-irmão José Vilas Cossa, e ainda um tal de J. C. – mais que «esgalhar», como a prosa aflita para fechar a página do «Brado Africano», nos anos de 1950 –, inventou.

A voz pausada e quase sussurrada (como angolano, digo: a voz encantada de mangonha) de José Craveirinha era uma voz despudorada de diplomacia às avessas: quem o quisesse ouvir tinha mesmo que ligar todas as antenas dos sentidos. Era uma voz do Índico, remansada de monções e mistérios – Karingana ua Karingana.

E é assim, ainda hoje, que eu vejo e oiço o Zé Craveirinha – sentado no Hotel Duas Nações, da sua predilecção lisboeta, ou a esquadrinhar as montras da Rua Augusta: um sábio desencantado, e sem pachorra nenhuma para os apressados da vida, perdidos de orelhas para o encanto. Ou para o encantamento, como será mais correcto escrever.

Zetho Cunha Gonçalves